



# Juventudes, desengajamento escolar e saúde mental: lições da pandemia para repensar equidade em educação e saúde

*Luciana Sepúlveda Köptcke*

*Alexandro Rodrigues Pinto*

*Maria Regina Araújo de Vasconcelos Padrão*

## 1 | Introdução

**E**ste capítulo convida à reflexão sobre como um novo acontecimento, importante o bastante para repercutir em todo o planeta, afeta um determinado segmento da sociedade. Estamos falando do que pode acontecer aos jovens – sua saúde, condições de sociabilidade, de trabalho e educação –, em decorrência de uma crise sanitária, social, econômica e política de magnitude ainda incomensurável. Em particular, nos interessa investigar as possíveis relações de interdeterminação entre desengajamento escolar e saúde mental, considerando o efeito de variáveis de vulnerabilidade social sobre a população juvenil neste contexto.

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia da covid-19, doença causada por um novo coronavírus (LU *et al.*, 2020). O surto inicial ocorreu na China, propagou-se pelos cinco continentes em ritmo exponencial e desencadeou uma crise epidemiológica, com repercussões na vida da população, não apenas pelas implicações na saúde pública, mas também por sua repercussão na vida social e econômica em função da adoção de medidas não farmacológicas de contenção do vírus. Até o fechamento deste capítulo, o Brasil já havia contabilizado mais de 22 milhões de casos notificados da doença, com desfecho letal para mais de 600 mil pessoas (BRASIL, 2021).

As crianças, adolescentes e jovens suscitaram menor preocupação, inicialmente, pois quando infectados pela covid 19, apresentavam sintomas leves, menores taxas de hospitalização e de mortalidade (BHOPAL; BAGARIA; BHOPAL, 2020; SCHUENGUE, 2021). No entanto, com o passar do tempo, constatou-se que a pandemia afetou os diversos aspectos da vida dos diferentes segmentos juvenis, como a disponibilidade de recursos financeiros, os relacionamentos em casa, isolamento social, a interrupção da vida escolar com importantes consequências futuras, além de efeitos sobre a qualidade do sono e suas implicações para a saúde, em particular para a saúde mental (CONJUVE, 2021, p. 69).

Na educação, com o objetivo de reduzir a disseminação do vírus, as unidades de ensino encerraram as atividades presenciais e o ensino remoto substituiu em grande parte as aulas. Em abril de 2020, escolas fecharam em 180 países, afetando, aproximadamente, 85% da população escolar mundial. Até o dia 16 de novembro de 2021, o Brasil já contabilizava 69 semanas de fechamento (parcial ou total) das escolas, ocupando, juntamente com o Chile, a 13ª posição entre países que mais permaneceram com as escolas fechadas (UNESCO, 2021). O

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2021), a partir de pesquisa com mais de 160 mil unidades educacionais, entre públicas e privadas, identificou que a quase totalidade dos estabelecimentos fecharam suas portas, e contabilizou 279 dias sem aulas presenciais.

O Banco Mundial (2020) identificou que o fechamento das escolas tem impacto sobre o processo de ensino-aprendizado, com o aumento de iniquidades educacionais e a perda do vínculo dos jovens com a escola. Uma revisão da literatura especializada sobre os impactos da pandemia aponta que até 2030, estima-se que mais de 825 milhões de crianças e adolescentes não irão adquirir as competências fundamentais de nível básico. Os dados alertam para uma grave crise de aprendizagem como o maior desafio, em escala global, na preparação dos adolescentes de hoje, para o presente e o futuro do mercado de trabalho, iluminando conexões complexas entre impacto educacional e econômico no futuro das novas gerações (LOUREIRO, 2020). Segundo Relatório do Banco Mundial, a covid-19 aprofundou os efeitos da crise econômica sobre a educação, especialmente com a elevação da evasão escolar, em decorrência da necessidade dos jovens de complementar a renda doméstica com a sua inserção prematura e, muitas vezes desqualificada, no mercado de trabalho. Azevedo *et al.* (2020) estimam que a pandemia deverá elevar em 4% o número de crianças fora da escola no mundo. No Paquistão, Khan e Ahmed (2021) projetaram uma evasão de 7,2 milhões de crianças, sendo esta mais pronunciada na educação primária. No México, pesquisa telefônica realizada para avaliar o impacto da covid-19 na educação identificou que 58,8% da evasão escolar no ciclo escolar de 2019-2020 pode ser associada à covid-19. Esse percentual é mais alto na pré-escola e no primário (94,7% e 73,2%, respectivamente). Na educação secundária, esse valor ficou em 57,7% (INEGI, 2021).

O desengajamento escolar tem mostrado impactos sobre diversas dimensões da vida do indivíduo e da sociedade (BARROS, 2017). Nesse sentido, Wong *et al.* (2002) observaram que em relação às pessoas com ensino médio completo nos Estados Unidos da América, os indivíduos que deixaram a escola antes desta etapa formativa apresentam piores indicadores de saúde: possuem uma perda de potenciais anos de vida 3,5 vezes maior. Também já foi demonstrado o seu efeito sobre a iniquidade de renda (COAY; DIZIOLI, 2017); acesso e permanência no mercado de trabalho, bem-estar social e assistência social (WALDFOGEL; GARFINKEL; KELLY, 2007).

Como bem assinala Barros (2017), em que pese o fato de que a maior parte dos custos decorrentes do desengajamento escolar recaia sobre os indivíduos, ele irá também provocar efeitos negativos sobre a totalidade da sociedade, quer seja a partir dos efeitos econômico desencadeados pela queda de produtividade, desincentivo à inovação e conseqüentemente a redução da competitividade do país no cenário internacional; ou por seus desdobramentos no convívio social e político.

Outro importante impacto da pandemia sobre o bem-estar dos jovens incide sobre a sua saúde mental. Brooks *et al.* (2020), a partir de revisão sistemática da literatura, observaram efeitos psicológicos negativos associados a períodos de quarentena, como distúrbios pós-traumáticos, confusão e raiva. Para os autores, períodos longos de isolamento, medo de se infectar, frustração, tédio, restrição de suprimentos básicos, perdas financeiras, informações inadequadas e estigmas estariam como prováveis elementos estressores que comprometeriam a saúde mental da população. A população jovem parece, em particular, mais suscetível a ter sua saúde mental comprometida pela covid-19, quando comparada com as demais faixas etárias (WANG *et al.*, 2020). Chi *et al.* (2021) investigando a saúde mental de adolescentes chineses pós epidemia, estudantes do 7º ao

9º ano do ensino fundamental, idade média de 15 anos, observaram prevalência de 37,8% de insônia, 48,2% de depressão e 36,7% de ansiedade. Resultados semelhantes foram encontrados por Glowacz e Scmits (2020) com público jovem francês e canadense, em que as prevalências de ansiedade e depressão foram, respectivamente, de 45% e 56%.

Analisaremos aqui a interdependência entre desengajamento escolar, entendido como a ausência dos jovens nos bancos escolares (BARROS, 2017) e saúde mental para os diferentes estratos juvenis. Em particular, para aqueles que, durante a pandemia cursavam a educação básica. A pandemia modificou a dinâmica da não frequência escolar? Em caso afirmativo, em que direção? Em que medida a saúde mental influencia o desengajamento escolar durante a pandemia? Reciprocamente, como a ausência escolar teve implicações sobre a saúde mental dos jovens?

## 2 | Metodologia

Em 2020, foi realizada a primeira onda do levantamento *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, sendo replicada em 2021, junto a mais de 68 mil jovens. A iniciativa abordou diferentes dimensões da vida juvenil afetadas pela pandemia, como saúde, trabalho e renda, educação e vida pública.

Ante o interesse de estudar os jovens com escolaridade máxima até a educação básica, foi feito um recorte utilizando-se a variável de escolaridade. Ao longo do presente texto, serão, então, referidos como jovens aqueles que declararam estar estudando ou ter estudado, no máximo, até o último ano do ensino médio.

Para análise realizada e apresentada no presente capítulo, a escolha das variáveis levou em consideração os aspectos socioeconômicos e subjetivos potencialmente mediadores da decisão

de não frequentar a escola e que foram investigados no instrumento de coleta de dados. Assim, identificaram-se fatores adstritos aos jovens (como idade, sexo, raça/cor), subjetivos (percepção de efeitos psicológicos da pandemia), características da escola (se privada ou pública) e educação (escolaridade), e vulnerabilidade socioeconômicas (domicílio monoparentais femininos, perda de renda, dependência de ajuda financeira governamental) e exposição ao risco de infectar-se pelo Sars-CoV-2 (trabalho presencial durante a pandemia).

A variável dependente (não frequência escolar) foi construída a partir da questão que investigava se o jovem estava estudando no momento da pesquisa (quesito E1 do questionário). Foram considerados como não frequentando a escola os jovens que apontaram que haviam trancado ou cancelado a matrícula. Aos que informaram que já haviam terminado, foi atribuída a condição de dado ausente.

Serão utilizados ao longo do presente texto os termos “não frequência escolar”, “ausência escolar” e “desengajamento escolar” para se referir aos fenômenos que mais se aproximam da falta de engajamento com a escola, de forma mais generosa e inclusiva, sem entrar em disputas conceituais (SALATA, 2019).

A variável de consequências psicossociais da pandemia foi reagrupada a partir de análise de componentes principais que identificou a existência de quatro grupos de padrão de respostas: grupo 1 (cansaço, ansiedade, insônia, depressão, uso exagerado de redes sociais, ganho ou perda exagerada de peso), grupo 2 (brigas frequentes dentro de casa), grupo 3 (aumento do consumo de álcool e/ou cigarro e/ou outras drogas) e grupo 4 (automutilação e/ou pensamento suicida).

As análises descritivas basearam-se nas frequências absoluta e relativa das variáveis estudadas na população total e nas po-

pulações que não frequentavam a escola (antes e durante, apenas durante a pandemia). Com objetivo de melhor caracterizar a influência dos fatores potencialmente relacionados à ausência na escola, foram calculadas as razões de chance das variáveis de forma isolada, por meio de regressão logística binomial.

Para isolar os efeitos psicológicos da pandemia sobre a frequência à escola, utilizaram-se, ainda, modelos estatísticos de regressão logística, tendo como variável dependente a não frequência do jovem à escola e independente os efeitos psicológicos da pandemia (segundo os quatro grupos descritos anteriormente), controlada por fatores socioeconômicos e demográficos.

Também foi realizada análise em sentido inverso, ou seja, o efeito da não frequência escolar sobre as consequências psicológicas da pandemia, controlado pelo conjunto de variáveis sociodemográficas. Foram utilizados oito modelos de regressão logística, dois para cada desfecho em que se alterava a variável independente de interesse: ausência escolar com início antes da pandemia e ausência escolar com início durante a pandemia. Adicionalmente, com objetivo de verificar o efeito da ausência escolar sobre o estado geral de bem-estar psíquico, foram construídos mais dois modelos de regressão de *quasipoisson*, tendo como variável dependente o somatório de respostas afirmativas à questão que investigava o efeito psicológico da pandemia (investigadas no questionário pela questão S5).

Os cálculos estatísticos foram feitos com o *software* R e utilizando-se da biblioteca *Survey*. A amostra foi ponderada de forma a dirimir potenciais vieses introduzidos pelo processo de autoseleção no preenchimento do questionário e correção de distorções. Utilizou-se a faixa etária (15 a 29 anos) e a região como variáveis para correção, tendo como referência a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 4º. Trimestre de 2020, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

### 3 | Resultados e discussão

#### a) Jovens da educação básica: caracterização geral do público

Dos 68 mil jovens respondentes da pesquisa, 53.411 (78,4%) tinham como maior escolaridade a educação básica, com concentração nas séries do ensino médio (64%). Para as análises que se seguem esse será o universo pesquisado.

Esse é um público com idade média de 20,3 anos, sendo que a faixa etária de 18 a 24 anos representa mais da metade dos respondentes de interesse para este capítulo e os adolescentes (15 a 17 anos) são pouco mais de um quarto (26%).

A distribuição etária já aponta para uma provável distorção idade-série, visto que 18 anos são considerados como a idade ideal para a finalização do ensino médio. Infelizmente, o instrumento não permite saber a série que o jovem estava cursando ou cursou, tornando imprecisa a estimativa de distorção idade-série. A distorção série-idade é referida como um dos fatores mais potentes para explicar a ausência do estudante na escola, tanto de forma temporária, como permanente (DE WHITE ET AL., 2013).

Um pouco mais da metade (54%) dos jovens aqui pesquisados declarou não estudar em escolas públicas. Estudo da Fiocruz (2020) aponta que dos jovens que estavam frequentando a escola, apenas 28% estavam matriculados em escolas privadas, o que indica um possível viés da amostra da pesquisa com uma maior representação desse segmento populacional.

Com relação às características adstritas dos jovens, as mulheres (66%) e as pessoas negras (56%) predominam no recorte da amostra de interesse. Observa-se uma sobrerrepresentação do segmento feminino uma vez que o contingente estuda-



do na PNADC de 2020 é de 50%. Não se espera, contudo, que isso tenha impacto sobre a acurácia do fenômeno em análise, uma vez que dados da PNADC de 2019 apontam que dentro do grupo de 10 a 24 anos a taxa de frequência escolar teve pequena variação entre os sexos, 64,1 para os homens e 65,4 para mulheres (FIOCRUZ, 2020).

### **b) A pandemia modificou a dinâmica da não frequência escolar?**

Eram 3.794 (7%) os jovens de interesse para este capítulo que não estavam frequentando a escola quando a pesquisa foi aplicada. Destes, pouco mais da metade (51%) pretendiam retornar a estudar, 27% afirmaram já ter decidido abandonar os estudos e 22% estavam em dúvidas se voltariam aos bancos escolares.

Dentre esses jovens que não estavam frequentando a escola, para 3.610 foi possível identificar o período em que deixaram de participar das atividades letivas, permitindo investigar se a ausência escolar é uma ocorrência consolidada (que ocorreu antes da pandemia) ou algo recente (durante a pandemia), além de possibilitar mensurar o tamanho e características destes dois fenômenos.

Desse contingente, observa-se que não há diferença estatisticamente significativa ( $p > 0.05$ ) entre o percentual dos que o fizeram antes (47%) e durante a pandemia (53%), podendo sugerir maior intensidade da ausência na escola no ano pandêmico, que apresentou percentual semelhante àquele acumulado em anos anteriores à chegada da covid-19. Ainda são poucos os estudos que se dedicaram a observar o efeito da pandemia sobre o desengajamento escolar no Brasil. Neri e Osório (2021), a partir de dados levantados pela PNAD COVID, estimaram uma ausência escolar de 10% para a faixa de 6 a 15 anos e de 11% para os jovens de 15 a 17 anos.

Se a prevalência da ausência se manteve estável entre os dois períodos, observam-se mudanças no perfil segundo as características investigadas. Os jovens que deixaram de frequentar a escola durante a pandemia são mais novos (idade média de 22,8 versus 24,5) do que aqueles que o fizeram antes de março de 2020. De fato, cada ano de idade reduz em 13% as chances de os estudantes deixarem os bancos escolares durante a crise sanitária. Isso ocorre em função do grupo dos adultos jovens, que têm 64% menos chances que as demais faixas etárias de ter deixado de frequentar a escola no período em questão. Cabe enfatizar que ao analisarmos a ausência à escola sem distinguir o período do abandono ou evasão, a ausência foi maior entre os mais velhos, na educação básica. A média de idade entre os que não estavam frequentando a escola foi de 23,6, valor estatisticamente superior ( $p < 0,01$ ) em relação à daqueles que estavam frequentando (20). Pela regressão logística não ajustada, observa-se que cada ano de idade eleva em 23% a razão de chances de o jovem deixar de frequentar a escola. Assim, observa-se a maior prevalência de ausência da escola, entre aqueles na faixa etária de 25 a 29 anos (50%), seguidos pelos de 18 a 24 anos (41%). A idade é um importante fator associado à saída do jovem do sistema educacional. Dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNADC-2019) apontam que em 2019, enquanto no grupo de 6 a 14 anos era praticamente universal, a escolarização entre os jovens de 18 a 24 anos esse percentual não chegava a um terço (IBGE, 2019).

Os resultados aferidos com a distinção entre desengajamento anterior ou durante a pandemia indicam um efeito de ampliação do risco de abandono para faixas etárias mais novas, durante a pandemia, com consequências que precisam ser acompanhadas longitudinalmente.

Os jovens do ensino médio têm 5,21 vezes mais chances de estar no grupo que parou de estudar durante a pandemia que os do ensino fundamental (anos iniciais e finais). Ainda sobre os aspectos relacionados ao sistema educacional, observa-se que os jovens de nossa amostra que abandonaram os estudos das escolas privadas têm maior chance de estar no grupo que o fizeram durante a pandemia (OR :1,9, IC95: 1,47 – 2,47)<sup>1</sup>. Isso pode estar relacionado à diminuição da capacidade de pagamento das mensalidades pelas famílias em razão da crise econômica e insegurança financeira desencadeada pela pandemia.

---

<sup>1</sup>OR: Razão de chance; IC95: Intervalo de confiança de 95%

A região e a localização do domicílio dos jovens também alteram o risco de ausência na escola, tanto antes como durante a pandemia. Quando comparados com os moradores das áreas rurais, os das urbanas tiveram quase duas vezes mais chances de deixar de frequentar escola durante o período pandêmico. A região Sul (OR: 2,88) e Sudeste (OR: 2,01) foram as que tiveram mais chances de o abandono ocorrer durante o ano de crise sanitária, seguidas pela Nordeste (OR: 1,67). A região Centro-oeste apresenta razão de chance semelhante à da Norte, com menor chance. Também foi observado que os jovens da educação básica, do interior, que deixaram de frequentar a escola, tem 49% mais chance de o fazerem durante o período da pandemia. Embora morar em áreas urbanas, em regiões com maior probabilidade de oferta de emprego, como Sul e Sudeste, pudesse justificar que os jovens moradores dessas localidades tendessem ao desengajamento pela maior oferta laboral, o fato destas chances aumentarem no interior, em contraposição às áreas metropolitanas e capitais, precisa ser ainda compreendido.

A única característica adstrita do jovem que mostrou relação com o período do abandono escolar foi a raça/cor. Os negros, em nossa amostra, têm 37% menos chances de deixar de frequentar a escola durante a pandemia. Talvez, esse resultado re-

force um desengajamento anterior à pandemia, reflexo do enorme abismo de desigualdades educacionais experimentadas por jovens negros, em relação aos brancos (ZAMORA, 2012).

Com relação às variáveis que apontam para a vulnerabilidade do jovem, considerando a renda familiar, aqueles que não estavam frequentando a escola e eram de famílias, cuja única fonte de renda foi o Auxílio Emergencial do Governo Federal, tinham a metade da chance de outros jovens que não frequentavam a escola de tê-lo feito durante a pandemia. No entanto, os que estavam procurando trabalho em função da emergência epidemiológica apresentaram menos chance de o fazerem durante a pandemia (0,66).

Por esses dados, conclui-se que a pandemia não apenas intensificou um processo de ausência na escola que já estava presente na sociedade, mas modificou o seu padrão, sugerindo que outros mediadores passaram a atuar, o que traz a pergunta de interesse para o presente capítulo: os efeitos psicossociais da pandemia influenciaram no desengajamento escolar dos jovens?

### **c) Em que medida a saúde mental influencia o desengajamento escolar durante a pandemia?**

Os efeitos psicológicos da pandemia foram pesquisados por meio de dez quesitos que investigaram a ocorrência de situações ou sintomas que indicam possível comprometimento do bem-estar mental dos jovens. Em média, os jovens da educação básica responderam afirmativamente a praticamente três questões (média 2,98). Observa-se, contudo, que aqueles que pararam de estudar durante a pandemia responderam com mais frequência de forma afirmativa a esses quesitos (média 3,64) (TABELA 1). Hallgarten (2020), a partir dos aprendizados do surto de ebola, estabelece relação entre o abandono esco-

lar e o estresse emocional desencadeado pela falta de informações confiáveis acerca do desenvolvimento da pandemia e sobre a segurança do retorno às aulas presenciais.

Dentre as dimensões investigadas, as brigas frequentes e o aumento de álcool e outras drogas foram as que mostraram ser estatisticamente significantes com relação a não frequência dos jovens à escola durante a pandemia. Os jovens que relataram brigas frequentes em casa, tinham 178% mais chance de estar ausentes da escola durante a pandemia. Já aqueles que afirmaram aumento do consumo de álcool e outras drogas, a razão de chance foi de 1,77 (TABELA 1).

Quando controlado pelas variáveis sociodemográficas, os relatos de automutilação/pensamento suicida e de uso de álcool e outras drogas foram os fatores psicológicos que apresentaram relação com a não frequência escolar do jovem durante a pandemia. O relato de aumento do consumo de álcool e outras drogas e de automutilação /pensamento suicida eleva em 72% e 69%, respectivamente, as chances de o jovem estar ausente da escola durante a pandemia (TABELA 2).

**TABELA 1**

Prevalência e Razões de Chance de consequências psicológicas da pandemia entre os jovens da educação básica, segundo a ocorrência de desengajamento durante a pandemia. – Brasil, 2021

Jovem com relato de ter sofrido as seguintes consequências psicológicas da pandemia:	Total N=51,544 <sup>1</sup>	Evasão escolar durante a pandemia		p-valor <sup>2</sup>	Evasão escolar pandemia Regressão Logística Binomial Análise Bivariada		
		Não N=49,617 <sup>1</sup>	Sim N=1,927 <sup>1</sup>		OR <sup>3</sup>	95%CI <sup>3</sup>	p-valor
Número de respostas afirmativas às consequências psicológicas da COVID-19					1.14	1.08, 1.20	<0.001
Média	2.98	2.96	3.64	<0.001			
Mediana (IQR)	3.0 (1.0, 5.0)	3.0 (1.0, 5.0)	4.0 (2.0, 5.0)				
Cansaço, ansiedade, insônia, depressão, uso exagerado de redes sociais, ganho ou perda exagerada de peso	40,956 (79.46%)	39,353 (79.31%)	1,603 (83.19%)	0.10	1.29	0.95, 1.75	0.1
Brigas frequentes dentro de casa	11,387 (22.09%)	10,930 (22.03%)	457 (23.69%)	0.4	2.78	2.03, 3.80	<0.001

	Evasão escolar durante a pandemia			Evasão escolar pandemia Regressão Logística Binomial Análise Bivariada			
	Total N=51,544 <sup>1</sup>	Não N=49,617 <sup>1</sup>	Sim N=1,927 <sup>1</sup>	p-valor <sup>2</sup>	OR <sup>3</sup>	95%CI <sup>3</sup>	p-valor
Jovem com relato de ter sofrido as seguintes consequências psicológicas da pandemia:							
Aumento do consumo de álcool e/ou cigarro e/ou outras drogas	4,226 (8.20%)	3,860 (7.78%)	366 (18.97%)	<0.001	1.77		<0.001
Automutilação e/ou pensamento suicida	4,923 (9.55%)	4,626 (9.32%)	297 (15.41%)	<0.001	1.10		0.44

<sup>1</sup> n (%)

<sup>2</sup> Teste de Chi Quadrado com correção de segunda ordem de Rao & Scott

<sup>3</sup> OR = Razão de Chance, CI = Intervalo de confiança

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Brasil, 2021

**TABELA 2****Regressão Binomial de Evasão Escolar Durante a Pandemia, análise multivariada**

Variáveis de interesse	OR <sup>1</sup>	95% CI <sup>1</sup>	p-valor <sup>1</sup>
Cansaço, ansiedade, insônia, depressão, uso exagerado de redes sociais, ganho ou perda exagerada de peso	<b>0.94</b>	<b>0.68, 1.30</b>	<b>0.73</b>
Automutilação ou pensamento suicida	<b>1.69</b>	<b>1.19, 2.40</b>	<b>0.003</b>
Aumento do consumo de álcool/cigarro/outras drogas	<b>1.72</b>	<b>1.22, 2.44</b>	<b>0.002</b>
Brigas frequentes dentro de casa	<b>0.98</b>	<b>0.76, 1.28</b>	<b>0.90</b>

<sup>1</sup> OR = Razão de Chance , CI = Intervalo de Confiança

Os coeficientes relacionados as variáveis de controle foram omitidos e encontram devidamente descritos em anexo estatístico

Fonte: *Elaboração própria a partir de dados da pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Brasil, 2021*



A medida de distanciamento social, que resultou no fechamento das escolas, trouxe um novo formato de aprendizagem e, com isso, a privação do convívio escolar, espaço onde ocorre o processo de socialização secundária e identificação com pares. Tal fato promoveu efeitos negativos para a saúde mental dos jovens (DIAS; PINTO, 2020), intensificados pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde, nível socioeconômico, alimentação e condições de moradia (Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde - CNDSS - 2008). Assim, repercussões do isolamento social decorrente da pandemia parecem interferir significativamente na saúde mental juvenil e planejamento de ações futuras.

#### **d) A ausência escolar teve implicações para a saúde mental dos jovens?**

Com objetivo de responder ao questionamento sobre em que medida a desvinculação da escola interfere na saúde mental dos jovens, foram construídos dez modelos de regressão binomial em que os desfechos eram dimensões do comprometimento da saúde mental do jovem devido a pandemia da covid-19, utilizando-se como variáveis independentes aquelas citadas anteriormente. Cinco das regressões focaram no efeito da ausência escolar que teve início antes da pandemia e outras cinco naquela que se deu durante a pandemia (TABELA 3).

**TABELA 3**

Coeficientes do efeito da não frequência à escola sobre as dimensões de consequências psicológicas da Pandemia por covid-19. Modelo ajustado para variáveis selecionadas – Brasil, 2021

Início da não frequência Escola	Número de Respostas Afirmativas aos Quesitos de Efeitos Psicológicos da Pandemia (IRR <sup>1</sup> )	Cansaço, ansiedade, insônia, depressão, uso exagerado de redes sociais, ganho ou perda exagerada de peso (OR <sup>2</sup> )	Brigas Frequentes (OR <sup>2</sup> )	Aumento do consumo de Álcool e Outras Drogas (OR <sup>2</sup> )	Auto-mutilação e pensamento suicida (OR <sup>2</sup> )
Antes da Pandemia	1.01	0.86	0.76	1.37	1.53
Durante a Pandemia	<b>1.17**</b>	1.11	1.17	<b>1.95**</b>	<b>2.01**</b>

<sup>a</sup> Tabela completa com todos os modelos encontra-se no anexo.

N= 52.210

<sup>1</sup> IRR: Razão de Taxa de Incidência, IC95: Intervalo de Confiança de 95%

<sup>2</sup> OR: Razão de Chance

p-value: <0.001\*\*, <0.05\*

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Brasil, 2021

Para nenhum dos desfechos estudados a não frequência à escola que iniciou antes da pandemia foi significativa. Contudo, quando o abandono ocorre durante a pandemia, observa-se aumento do número de respostas afirmativas aos quesitos que investigaram os efeitos psicológicos da pandemia (IRR = 1.17), como maior consumo de álcool e outras drogas (OR = 1.95) e o relato de automutilação/pensamentos suicidas (OR = 2.01). Esses dados indicam que os jovens que deixaram de estudar durante a pandemia, quando comparados com os demais, têm quase duas vezes mais chances de ter elevado o relato de ingestão de drogas, padrão semelhante também foi observado quando o desfecho era referência à automutilação/pensamento suicida.

Uma hipótese que se levanta a partir destes resultados é que a frequência escolar (mesmo de forma remota) e, conseqüentemente, os vínculos possibilitados nestes espaços, as trocas de informações, maior conhecimento e, sobretudo, vivências partilhadas, atuariam como um amortecedor dos choques provocados pela pandemia, experiência traumática singular.

#### 4 | Considerações finais

Os resultados apresentados pela pesquisa indicam que a pandemia da covid-19 modificou a dinâmica e o padrão do desengajamento escolar para jovens na educação básica, junto à amostra de participantes. A pandemia afetou a saúde mental dos jovens e adolescentes e, com isso, contribuiu para promover a ausência escolar durante este período, em particular, o aumento do uso de álcool e outras drogas, relato de automutilação/pensamento suicida estavam relacionados com o afastamento dos jovens das salas de aula, ainda que virtuais. Reciprocamente, os jovens que se afastaram da escola durante a pandemia relataram maior propensão ao uso de drogas e a desenvolver pensamentos suicidas. A situação é mediada por

fatores sociais previamente presentes na vida destes jovens. A compreensão das consequências da covid-19 para os jovens constitui um processo complexo, multifatorial, temporalmente maturado (SALATA, 2019). De modo que o evento covid-19 gera e incorpora, o que WADE *et al.* (2020) designam como "risco acumulado", a partir da exposição simultânea a diversos fatores de risco, não apenas para a saúde mental, como para a intensificação do processo de desengajamento escolar e suas consequências para o engajamento ou a participação econômica dos jovens.

Os participantes da pesquisa, quando interpelados sobre as duas ações prioritárias a serem implementadas por atores públicos ou privados, para cuidar da saúde e da educação, após a pandemia, indicam a importância do acompanhamento e ou atendimento psicossocial como principal ação tanto para a saúde como para a educação dos jovens. Num universo de, aproximadamente, 68 mil participantes da pesquisa, cerca de 40% sugeriram o acompanhamento psicológico nas escolas, reforçando a percepção da centralidade deste problema entre os próprios jovens.

É importante considerar, seriamente, o investimento em ações de promoção da saúde mental para todos os atores da comunidade escolar, dentro da escola e junto às unidades básicas de saúde, como parte das estratégias para manter e buscar o retorno daqueles que concluíram seu processo de desengajamento com a escola. A saúde mental tem grande impacto na vida futura dos jovens. Até 80% dos distúrbios mentais iniciam antes de 26 anos e parte dos efeitos dos problemas de saúde mental na juventude se estende ao longo da vida e ultrapassa os efeitos de problemas de saúde física na infância ou juventude. (GOODMAN *et al.*, 2011). A pandemia acentuou o sofrimento psíquico entre os jovens e o impacto da saúde mental na sua vida futura já vem acarretando e acarretará, ainda mais, custo para a sociedade.

Ainda, sobre o desengajamento, a pandemia ampliou as desigualdades de acesso e fruição do sistema. Em 2019, 20,2% dos jovens de 14 a 29 anos estavam fora da escola e não concluíram o ensino médio, o que equivale a 50 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Como bem observa Barros (2017), a perda do engajamento dos jovens com a escola é um problema crônico no Brasil. O peso da pandemia sobre os jovens estudantes em situações de maior vulnerabilidade se traduziu no enfrentamento de maior período de aulas remotas, menores níveis de capacidade institucional das escolas públicas para lidar com os desafios impostos pela crise sanitária, o que se desdobra na adoção de alternativas menos eficazes e atrativas de ensino-aprendizagem e na tensão trazida pela necessidade de adequação de sua vida privada, (REIMERS, 2021). Assim, a escola com antigas e novas demandas, torna-se ainda menos atrativa aos jovens e mais uma fonte de estresse e sofrimento psíquico em um momento já conturbado e cheio de incertezas.

O sistema educacional deve enfrentar, então, grandes desafios acentuados pela pandemia, em particular, superar as defasagens anteriores, tão marcantes no caso brasileiro, além de reconstruir uma relação de encantamento e significado junto aos jovens e seus projetos de vida, dialogando e ampliando suas perspectivas diante do futuro. No entanto, a fim de recuperar as perdas desencadeadas pela crise sanitária e preparar os jovens para viver uma sociedade ainda mais cindida pela desigualdade (REIMERS, 2021), é preciso incorporar a necessidade de ampliação de investimentos e de capacitação, buscando operar uma mudança na cultura profissional e política. Na assistência social, a garantia de uma renda mínima que consiga amortecer os efeitos de choques econômicos decorrentes, principalmente da situação de desemprego ou hipossuficiência de renda, tem se mostrado como uma estratégia de baixo custo de manutenção de padrões mínimos de qualidade de vida condizentes com o nível de desenvolvimento

econômico do país. Para tanto, a articulação entre os sistemas de proteção contributivos (previdenciários) e não contributivos (assistencial) é essencial.

Momentos de crise, como as emergências sanitárias, costumam amplificar problemas pré-estabelecidos e pouco visíveis. Cabe enfatizar que esta análise ilumina fenômenos que antecedem e se prolongam para além da pandemia. A discussão sobre o papel socializador da escola, a escolaridade e sua imbricação com a inserção profissional são questões antigas da reflexão educacional, sociológica e econômica, porém ainda são escasos trabalhos que correlacionem a saúde mental de crianças e jovens às suas condições de existência social e, reciprocamente, verifiquem as implicações dos problemas de saúde mental para sua vida adulta, reforçando políticas intersetoriais voltadas para a juventude que consigam abarcar as variadas dimensões de sua existência, necessidades, desejos e possibilidades.

## Referências

AZEVEDO, J. P.; HASAN, A.; GOLDEMBERG, D.; GEVEN, K.; IQBAL, S. A. Simulating the Potential Impacts of COVID-19 School Closures on Schooling and Learning Outcomes: A Set of Global Estimates. *World Bank Research Observer*, v. 36, n. 1, p. 1-40, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/wbro/lkab003>

BARROS, R. P. *Políticas Públicas para a Redução do Abandono e da Evasão Escolar de Jovens*. São Paulo: Fundação Brava, 2017. Disponível em: <http://gesta.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Políticas-Publicas-para-reducao-do-abandono-e-evasao-escolar-de-jovens.pdf>  
Acesso em: 14 dez. 2021

BHOPAL, S. S.; BAGARIA, J.; BHOPAL, R. Risks to children during the covid-19 pandemic: some essential epidemiology. *BMJ (Clinical research ed.)*, n. 369, m2290, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.m2290>

BILL & MELINDA GATES FOUNDATION. 2020 *Goalkeepers Report: the COVID-19, a global perspective*. [S. l.]: Bill & Melinda Gates Foundation, 2020. Disponível em: [https://www.gatesfoundation.org/goalkeepers/downloads/2020-report/report\\_a4\\_en.pdf](https://www.gatesfoundation.org/goalkeepers/downloads/2020-report/report_a4_en.pdf)

Acesso em: 12 dez. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. *Covid-19 no Brasil*. Painel de Acompanhamento de Casos de Covid-19 no Brasil. [S. l.]: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)

Acesso em: 14 dez. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. *Nota Técnica n. 10, de 29 de abril de 2021*. Brasília: DEPROS/SAPS/MS, 2021. Disponível em:

<https://aps.saude.gov.br/ape/pse#:~:text=Nota%20T%C3%A9cnica%20Monitoramento%202020>

Acesso em: 20 jan. 2022

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação / Departamento de Monitoramento. *Potência dos Programas Sociais e Evolução da Extrema Pobreza: o que a PNADC e PNAD COVID19 Revelam*. Brasília: Ministério da Cidadania, [2020]. (De olho na Cidadania, v. 2). Disponível em [https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/sagi/relatorios/De\\_olho\\_na\\_cidadania\\_VOL\\_2\\_PNADC.pdf](https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/sagi/relatorios/De_olho_na_cidadania_VOL_2_PNADC.pdf)

Acesso em: 20 jan. 2022.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S., GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, V. 395, I. 10227, p. 912-920, March, 14, 2020. DOI:

[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

COADY, D.; DIZIOLI, A. Income Inequality and Education Revisited: Persistence, Endogeneity, and Heterogeneity. *IMF Working Papers*, V. 17, I. 126, p. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5089/9781475595741.001>

CONJUVE *et al.* Juventudes e a pandemia do coronavírus. Relatório nacional. 2. ed. [S. l.]: CONJUVE, 2021. Disponível em:

[https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2\\_Relatorio\\_Nacional\\_20210702.pdf](https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210702.pdf)

Acesso em: 25 jan. 2022

COSTIN, C.; COUTINHO, A. Experiences with Risk-Management and Remote Learning During the COVID-19 Pandemic in Brazil: Crise, Destitutions, and (Possible) Resolution. In: REIMERS, F. (ed.). Primary and Secondary Education During Covid-19: Disruptions to Educational Opportunity During a Pandemic. Vol. 47. Switzerland: Springer, 2022. p. 39-78. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-81500-4>

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. A educação e a covid-19. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 28, n. 108, 2020.

FIOCRUZ. *Relatório Juventudes do Brasil*. Relatório produzido no âmbito do Projeto "Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no território educacional". [S. l.]: Fiocruz, 2020. Disponível sob demanda pelos autores deste capítulo.

GLOWACZ, F.; SCHMITS, E. Psychological distress during the COVID-19 lockdown: The young adults most at risk. *Psychiatry Research*, v. 293, set., p. 25-28, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113486>

HALLGARTEN, J. Evidence on efforts to mitigate the negative educational impact of past disease outbreaks. 4KD Help Desk Report 793, Reading, UK Department for Institute of Development Studies. Reading: Education Development Trust, 2020. Disponível em: <https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/handle/20.500.12413/15202>  
Acesso em: 20 jan. 2021

HILLESHEIM, D.; TOMASI, Y. T.; FIGUEIRÓ, T. H.; PAIVA, K. M. Síndrome respiratória aguda grave por COVID-19 em crianças e adolescentes no Brasil: perfil dos óbitos e letalidade hospitalar até a 38ª Semana Epidemiológica de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 5, e2020644, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000500021>

IBGE. *PNAD Contínua: Educação 2019*. Vol. 2019, Issue 2. [S. l.]: IBGE, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf)  
Acesso em: 7 dez. 2021

INEGI. Encuesta para la Medición del Impacto COVID-19 em la Educación (ECOVID-ED): Presentación de Resultados.2. ed. Mexico: INEGI, 2021. Disponível em: [https://www.inegi.org.mx/contenidos/investigacion/ecovided/2020/doc/ecovid\\_ed\\_2020\\_presentacion\\_resultados.pdf](https://www.inegi.org.mx/contenidos/investigacion/ecovided/2020/doc/ecovid_ed_2020_presentacion_resultados.pdf)  
Acesso em: 16 nov. 2021



INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. *Taxa de Transição Brasil e Regiões*. Planilha Excel. [S. l.]: INEP, 2021a. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/informacoes\\_estatisticas/indicadores\\_educacionais/2020/tx\\_rend\\_brasil\\_regioes\\_ufs\\_2020.zip](https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2020/tx_rend_brasil_regioes_ufs_2020.zip)  
Acesso em: 7 dez. 2021

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. *Taxa de Rendimento Brasil e Regiões*. Planilha Excel. [S. l.]: INEP, 2021b. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/informacoes\\_estatisticas/indicadores\\_educacionais/taxa\\_transicao/tx\\_transicao\\_brasil\\_regioes\\_ufs\\_2017-2018.zip](https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/taxa_transicao/tx_transicao_brasil_regioes_ufs_2017-2018.zip)  
Acesso em: 7 dez. 2021

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. *Sinopse Estatística do Questionário Resposta Educacional à Pandemia de COVID-19 no Brasil: Educação Básica*. Brasília: INEP, 2021c. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/pesquisas-suplementares/pesquisa-covid-19>  
Acesso em: 16 nov. 2021

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: os resultados dos microdados da PNAD Covid-19 de novembro. Carta Conjuntura, v. 2, n. 50. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210105\\_cc\\_50\\_nota\\_2\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210105_cc_50_nota_2_mercado_de_trabalho.pdf)  
Acesso em: 20 jan. 2022.

KHAN, M. J.; AHMED, J. Child education in the time of pandemic: Learning loss and dropout. *Children and Youth Services Review*, v. 127, jan., 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2021.106065>

LU, R.; ZHAO, X.; LI, J.; NIU, P.; YANG, B.; WU, H.; WANG, W.; SONG, H.; HUANG, B.; ZHU, N.; BI, Y.; MA, X.; ZHAN, F.; WANG, L.; HU, T.; ZHOU, H.; HU, Z.; ZHOU, W.; ZHAO, L.; ... TAN, W. Genomic characterisation and epidemiology of 2019 novel coronavirus: implications for virus origins and receptor binding. *The Lancet*, v. 395, n. 10224, p. 565-574, 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30251-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30251-8)

MARCOLIN, A. A. de A.; ADAMS, A.; ANDRADE, R. F. de. A pandemia desvelando o princípio democratizante do ensino: acesso e qualidade para quem?. *Revista Ilustração*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 67-74, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.46550/ilustracao.v1i1.12>

Disponível em:

<http://www.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/12>

Acesso em: 18 jan. 2022.

MENG, Y.; WANG, J.; WEN, K.; DA, W.; YANG, K.; ZHOU, S.; TAO, Z.; LIU, H.; TAO, L. Clinical Features and Laboratory Examination to Identify Severe Patients with COVID-19: A Systematic Review and Meta-Analysis. *BioMed Research International*, 6671291, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.1155/2021/6671291>

NERI, M.; OSÓRIO, M. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. *Revista NECAT*, v. 10, n. 19, p. 105-112, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO (FAO-BRASIL). *O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil. Um retrato multidimensional*. Relatório 2014. Brasília. DF2014. Disponível em:

[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca\\_alimentar/SANnoBRasil.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/SANnoBRasil.pdf)

Acesso em: 14 dez. 2021.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OECD. *Coronavirus school closures: What do they mean for student equity and inclusion?*. [S. l.]: OECD, 2020. Disponível em:

<https://oecdeditoday.com/coronavirus-school-closures-student-equity-inclusion/>

Acesso em: 21 dez. 2021

REIMERS, F. M. Conclusions and Implications. In: REIMERS, F. M. (ed.). *Primary and Secondary Education During Covid-19: Disruptions to Educational Opportunity during a Pandemic*. Switzerland: Springer, 2021.

RIBEIRO, E. A.; BORBA, J.; DA SILVA, R. Comparecimento eleitoral na América Latina: uma análise multinível comparada. *Revista de Sociologia e Política [on-line]*, v. 23, n. 54, p. 91-108, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1678-987315235406>

SAVASSI, L. C. M.; DIAS BEDETTI, A.; JOI DE ABREU, A. B.; COSTA, A. C.; PERDIGÃO, R. M. da C.; FERREIRA, T. P. Ensaio acerca das curvas de sobrecarga da COVID-19 sobre a atenção primária. *JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care* | ISSN 2179-6750, v. 12, p. 1-13, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.14295/jmphc.v12.1006>

SCHUENGUE, N. Covid-19 em crianças: epidemiologia da doença em 2021. In: PEBMED. *O maior portal de atualização em Medicina no Brasil*. [S. l.], 1º abr. 2021. Disponível em: <https://pebmed.com.br/covid-19-em-criancas-epidemiologia-da-doenca-em-2021/>  
Acesso em: 25 jan. 2022

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020*. [S. l.]: Moderna, 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/anuario-2020-todos-pela-educacao-e-editora-moderna>  
Acesso em: 10 dez. 202

UNESCO. *Monitoramento global do fechamento de escolas causado pelo COVID-19*. [S. l.]: UNESCO, 2021. Disponível em: <https://em.unesco.org/covid19/educationresponse>  
Acesso em: 16 nov. 2021

UNICEF. *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação*. [S. l.]: CENPEC Educação, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>  
Acesso em: 20 dez. 2021

WANG, C.; PAN, R.; WAN, X.; TAN, Y.; XU, L.; MCINTYRE, R. S.; CHOO, F. N.; TRAN, B.; HO, R.; SHARMA, V. K.; HO, C. A longitudinal study on the mental health of general population during the COVID-19 epidemic in China. *Brain, Behavior, and Immunity*, v. 87, p. 40-48, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.028>

WONG, M. D.; SHAPIRO, M.F.; BOSCARDIN, J.W.; ETTNER, S. Contribution of Major Diseases to Disparities in Mortality. *New England Journal of Medicine*, [s. l.], v. 347, l. 20, p. 1585–1592, 2002.

WORLD BANK GROUP. *Global Economic Prospects*. Issue June. [S. l.]: World Bank Group, 2020. Disponível em: <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2020/06/08/covid-19-to-plunge-global-economy-into-worst-recession-since-world-war-ii>  
Acesso em: 14 dez. 21. DOI: 10.1596/978-1-4648-1553-9.

ZAMORA, M. H. Racial inequality, racism and its effects. *Fractal*, v. 24, n. 3, p. 563-578, set.-dez. 2012.